

Fichamento de vídeo I - O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.

A cultura indígena entendeu o conceito de coexistir muito antes da ciência ser formalizada pelo colonizador. Me arrisco a dizer que eles entenderam algo que ainda procuramos resposta. Desde o início do ensino sobre o “descobrimento do Brasil”, ou melhor, sobre o sufocamento da cultura já existente aqui, afinal, os índios já haviam povoado e “domesticado” os recursos e plantações, vemos pessoas tentando hierarquizar o conhecimento e valorizar apenas o que lhe apraz. Eles tentam nos convencer que antes das navegações, por aqui só existia mato e gente pelada. Seres que se venderam por simples espelhos ou bugigangas. Mas o que eles não contam é que esses *seres* já entendiam o funcionamento das terras, as utilidades das plantas e como sobreviver em unidade com seu povo, ou seja, coexistindo com o mundo e seres a sua volta. Essa talvez seja a palavra que mais descreve o que sinto ao assistir esse vídeo. A existência de um, acontece simultaneamente sem precisar excluir ou diminuir a existência de outro.

Num pensamento simples, entendo que a exaltação à vida, à natureza, à arte e à morte está adiante do pensamento de domínio e posse. Quando eles entenderam que o bem é de todos e que não é necessário segredos entre o povo, me esclareceu que o medo da violência, do roubo e da exposição é um comportamento opressor, ou, podemos dizer, colonizador. Se entendermos esse conceito como *aquela que estabelece ou explora*, melhor definição não há para tal sentimento que temos quando vemos informações sendo usadas para chantagem. Pregamos um discurso de superioridade, quando na verdade ainda estamos tentando não ser expostos nas mídias sociais por algum escândalo, enquanto esses povos, dito inferiores, já vivem em comunidade visando o bem comum entre o povo.

O vídeo mostra a cultura indígena em sua essência. A exaltação dos gêneros por seus feitos, sem hierarquizar os tipos de trabalhos, já que tudo serve para o bem de todos. É desnecessário dizer que o caçador é mais importante, se não tiver quem cozinhe. Ou a tecelã ter mais prestígio do que aqueles que faz a flecha para caçar. No fim do documentário, o escritor chega a comentar que seria como uma piada imaginar um índio mandando em outro. Os conselhos dos mais velhos servem como sabedoria e instrução, nunca como ordem e obrigação. Talvez essa seja a mais pura relação professor-aluno. Uma relação de igualdade e troca. De nada adiantaria as experiências dos anciãos sem a força do jovem na caça. Assim como o cozimento de algo pode ser repetido, porque alguém, anteriormente, já havia experimentado fazê-lo.

É interessante ver como eles vivem o trabalho sem se dissociar da arte. A finalidade de tudo são comemorações e festas. O escritor chega a comentar que eles têm “vontade de beleza”. Em tudo há significado e merece a perfeição. O orgulho de um povo, bem como de sua ancestralidade, é como uma herança passada de geração a geração. A guerra entre tribos é mais do que por domínio, é a vingança por brigas passadas e a defesa para gerações futuras. Expor o inimigo ao fim da guerra “era o momento máximo da aldeia, sua grande festa”. Pertencer a uma geração, a um povo, a vida, a morte é motivo de orgulho e exaltação.